



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOSÉ VANILSON DA SILVA**

**AS SOCIABILIDADES NAS CASAS DE FARINHA A PARTIR DA MEMÓRIA DOS  
TRABALHADORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ – PB (1960 - 1970)**

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**JOSÉ VANILSON DA SILVA**

**AS SOCIABILIDADES NAS CASAS DE FARINHA A PARTIR DA MEMÓRIA DOS  
TRABALHADORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ – PB (1960 - 1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. José Emerson Tavares de Macedo

**CAMPINA GRANDE  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Jose Vanilson da.  
As sociabilidades nas casas de farinha a partir da memória dos trabalhadores rurais do município de Puxinanã - PB (1960 - 1970) [manuscrito] : / Jose Vanilson da Silva. - 2018.  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Me. José Emerson Tavares de Macedo, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Casas de farinha - Puxinanã/PB. 2. Historiografia. 3. Memória.

21. ed. CDD 907.2

JOSÉ VANILSON DA SILVA


AS SOCIABILIDADES NAS CASAS DE FARINHA A PARTIR DA MEMÓRIA DOS  
TRABALHADORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ – PB (1960 - 1970)

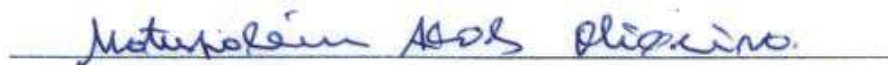
Artigo, apresentado ao Curso de Graduação  
em História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. José Emerson Tavares de  
Macedo


Aprovada em: 13 /06/2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Me. JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACEDO (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. MATUSALÉM ALVES DE OLIVEIRA (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. LUIZ CARLOS DOS SANTOS (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. HISTÓRIA E MEMÓRIA.....</b>	<b>7</b>
<b>3. REVISITANDO AS HISTÓRIAS DAS CASAS DE FARINHA A PARTIR DOS RELATOS DOS MAIS VELHOS.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Nosso caminhar metodológico.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2 O município de Puxinanã.....</b>	<b>11</b>
<b>3.3 Discutindo as casas de farinha a partir dos relatos dos trabalhadores rurais         de Puxinanã.....</b>	<b>14</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

## **AS SOCIABILIDADES NAS CASAS DE FARINHA A PARTIR DA MEMÓRIA DOS TRABALHADORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE PUXINANÃ – PB (1960 - 1970)**

José Vanilson da Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo consiste como objetivo principal analisar a história das Casas de Farinha no município de Puxinanã – PB, entre o período das décadas de 1960 a 1970, a partir das memórias dos antigos agricultores que vivenciaram esse cenário histórico. Através das mudanças historiográficas passamos a inquirir por intermédios dos homens ordinários e comuns como as crianças, mulheres e idosos em seus diferentes lugares e papéis sociais; já não se tratava de uma história atrelada à esfera da política ou das elites, e sim de uma historiografia preocupada muito mais com uma abordagem cultural das tessituras do cotidiano dos homens comuns. Em virtude da escassez de um aprofundamento dos documentos oficiais, referente à nossa pesquisa, optamos caminhar pelo método da história oral, realizando entrevistas semiestruturada como método de coleta de dados, analisados e interpretados sob a luz da pesquisa qualitativa, alicerçada na etnografia com uso de histórias de vida. Nesse estudo, participaram três agricultores que vivenciaram no período do objeto do nosso estudo, além das entrevistas utilizamos os dados históricos e bibliográficos sobre a origem e os aspectos referentes à localização, e, também material documental do arquivo histórico de Puxinanã - PB. Dessa forma, compreendemos a relevância desse estudo para sociedade puxinanaense bem como aqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre as atividades econômicas desse município.

**PALAVAS CHAVES:** Casas de Farinha. Memória. Puxinanã.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente estudo visa analisar as histórias das casas de farinha no município de Puxinanã localizado no estado da Paraíba, entre o período das décadas de 1960 a 1970. Nossa pretensão em abordar essa temática, partiu da nossa motivação em desvelar maiores informações a partir do conhecimento que adquiriríamos no ceio da familiar junto com os mais velhos do lugar que contavam as histórias do tempo em que o cultivo da mandioca no município era fonte de riqueza e trabalho realizado nas casas de farinha, nos terreiros de cada canto do município.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: [jvanilsoncg@hotmail.com](mailto:jvanilsoncg@hotmail.com)

A partir das memórias de três agricultores que vivenciaram suas atividades agrícolas dentro das Casas de Farinha é que faremos nossa análise. Sendo assim, o nosso trabalho evidenciará as memórias dos antigos trabalhador-agricultor numa perspectiva de estudo das memórias, para que, em um dado contexto histórico, possamos entender a historiografia no campo econômico desse município, trazendo as histórias de vida dos agricultores e os pontos históricos como fatores de avanço para formação desse município como recorte espaço-temporal no período de 1960 a 1970, abordando assim as primícias da história econômica neste município paraibano.

O uso da memória como documento histórico pressupõe o trabalho com uma técnica contemporânea de pesquisa, a história oral com a qual se é capaz de ouvir o oprimido, recuperar trajetórias de inúmeros grupos sociais dominados que, postos no esquecimento por uma historiografia elitista, nunca foram reconhecidos como personagens importantes do processo histórico.

Desse modo, a presente pesquisa apresenta a memória histórica sobre as Casas de Farinha e os significados construídos e reconstruídos a partir da visão de produtores que por ali passaram na produção de mandioca envolvendo todas as técnicas e ferramentas relacionadas a este produto e as farinhadas que se tornam momentos de produção e sociabilidade onde são manifestadas as mais diversas relações travadas entre aqueles que têm no campo o espaço da sobrevivência marcada pelas angústias das intempéries climáticas que, de tempos em tempos, tornavam a vida mais difícil.

O nosso caminhar metodológico para essa pesquisa seguiu da seguinte forma: inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema estudado, com o intuito de fornecer ao leitor dados em relação ao assunto em questão. Posteriormente, mapeamos alguns possíveis entrevistados para colaborar com o nosso estudo, após a coleta desses dados os mesmos foram analisados e assim podemos realizar um cruzamento de fontes entre a nossa pesquisa literária disponível em livros sobre o assunto com as entrevistas concedidas pelos nossos entrevistados.

Para tanto, o fio condutor desta pesquisa, metodologicamente foi a História Oral, as narrativas de vida dos sujeitos entrevistados, suas experiências no âmbito histórico, político e social. Além dessas fontes, nos apropriamos de outras como os documentos oficiais, fotografias antigas, de antigos profissionais e outros munícipes que fizeram parte dessa história.

Cabe ainda destacar que, esse estudo visa resgatar as memórias dos cidadãos que fizeram parte do processo de ascensão econômica no município de Puxinanã, destacando a



importância da preservação e da recordação do passado. Para esse trabalho efetuamos uma análise minuciosa e crítica das narrativas orais e as utilizamos como fontes principais dessa pesquisa, as mesmas foram gravadas e posteriormente foram transcritas e transformadas em objetos visuais (texto).

Posto isto, as contribuições desse estudo para a cidade de Puxinanã, ocorre no campo da História da Sociocultural de um povo, a partir dos dados revelados nessa pesquisa podemos apresentar tais resultados nas escolas do município, para que a futura geração de Puxinanã conheça suas raízes em meio à história dos pioneiros/ trabalhadores da roça dos pequenos aos grandes agricultores, aonde muitas vezes esses pequenos sujeitos tem em suas próprias famílias essa ligação, porém por desconhecerem da história dos seus antepassados acabo menosprezando algumas tradições.

## **2. HISTÓRIA E MEMÓRIA**

A discussão sobre a relação entre história e memória, é uns dos grandes debates teóricos, que atravessam várias gerações de historiadores, em suma, a maioria dos historiadores concordam que a memória não deve ser vista simplesmente como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, mas trata-se também das construção de referenciais sobre o passado e o presente de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente ligados a mudanças culturais. A utilização da Memória como fonte histórica, irá ocasionar o surgimento de um novo setor historiográfico: a História Oral.

O estudo sobre a memória se universalizou no momento em que, como nunca, o passado está distante do presente, quando as pessoas não mais identificam sua herança pela perda dos antigos padrões de relacionamento social e a desintegração dos antigos laços entre as gerações. A construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores.

Um compromisso fundamental da história encontra-se na sua relação com memória. É necessário chamar a atenção para os usos ideológicos a que a memória histórica está sujeita que muitas vezes constituem “lugares de memória”, estabelecidos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que escolhem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve ser silenciado e “esquecido”.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, podemos trabalhar o conceito de memória individual e memória coletiva. Dessa forma, verificou-se que a memória individual é muito

importante para a construção da memória coletiva, uma vez que as lembranças são construídas no interior de um grupo.

Dessa forma, a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, alude a um ponto de vista acerca da memória coletiva. Tal olhar deve ser sempre analisado levando-se em consideração o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e as relações mantidas com outros meios.

Pollak (1992) faz alusão aos lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que podem ser uma lembrança pessoal, mas que pode não ter apoio cronológico. Por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. A memória coletiva tem uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias.

Segundo Le Goff (1990, p. 536), “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos”. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa os historiadores.

Nesse contexto, o discurso como produtor de subjetividades não se constitui em uma fala uniforme, antes ele se apresenta como um jogo, uma estratégia composta de ambiguidades e interesses múltiplos, por isso, existe a impossibilidade de contabilizar-se ou sequenciar os discursos. Conforme Foucault (1983, p.93) “não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso dominante e o dominado, mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes”.

Nesse sentido, ao trabalharmos com uma comunidade rural ou urbana, porém distantes do mundo acadêmico, marcadamente vinculado ao papel e ao escrito com o qual normalmente é aceito, assim, deparamo-nos com códigos, ambientes e linguagens diversas. Desse modo, na análise discurso, a fala é tomada como um ato social em todas as suas aplicações conflitos e reconhecimentos, relações de poder, constituição da identidade, etc., e é dessa forma que ele deverá ser empregado admitindo as coisas ditas e ocultas, segundo quem fala e de sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra como o que comporta e os deslocamentos e as formas idênticas para objetos opostos (POLLAK, 1992).

De acordo com Pollak (1992) uma "memória enquadrada", uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual

é relatada. Mas assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória incrível e de um sentido de identidade assegurados.

De acordo com Ferreira & Amado (2001, p.10) é importante salientar que há ressalvas a aplicação em relação às histórias de vida como técnica de pesquisa, pois “discutir os usos e abusos da história oral é importante para que sejam definidos os rumos da oralidade como documento (objeto) da história nos próximos anos”.

Para o historiador Albuquerque Júnior (1994, p. 47), a história oral pode ser vista como “a reinvenção do passado, sua contribuição feita por especialistas que se orientam não só pelas interpretações do imaginário coletivo, mas por um aparato técnico e metodológico mais sofisticado e que tenta dar conta desse passado com múltiplas significações”.

Ainda segundo esse historiador em relação à memória afirma que a mesma: “(...) fala de si ou dos seus procurando encontrar uma estabilidade, identidade entre passado e o presente, o passado é construído como uma lembrança do presente; enquanto a memória é um ponto de vista externo ao acontecimento”. Sendo assim, o resgate através da história oral consiste no registro da memória voluntária dos personagens envolvidos na pesquisa através das entrevistas. Por isso, Montenegro (1992, p. 150) “considera que, o caráter singular de toda memória (mesmo aquela seletiva) e a forma com, esta se reconstrói a partir do olhar do presente faz com que cada entrevista assuma um significado próprio e particular”.

### **3. REVISITANDO AS HISTÓRIAS DAS CASAS DE FARINHAS A PARTIR DOS RELATOS DOS MAIS VELHOS**

#### **3.1 Nosso caminhar metodológico**

A presente pesquisa tem como referenciais metodológicos a pesquisa qualitativa, por ser “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 11); por ser uma abordagem, cuja preocupação consiste “em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 269).

Sendo assim, a investigação qualitativa possibilita um estudo inserido na atuação baseado em um determinado nível de realidade tendo no campo das práticas e objetivos trazer à luz fenômenos, indicadores e tendências possíveis de serem observáveis. Assim, a pesquisa se desenvolve em busca de obter os dados referentes aos valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequar-se aos processos particulares e específicos a indivíduos e grupos.

Com o objetivo de entendermos melhor a nossa opção pela pesquisa qualitativa, buscamos na literatura disponível informações sobre a pesquisa etnográfica. De fato, sem maiores polêmicas encontramos em Mattos (2001) “a conceituação que nos possibilita uma ancoragem metodológica para realizar uma investigação referente à área de educação.” A pesquisa etnográfica será abordada neste estudo por trazer contribuições pertinentes no campo das pesquisas qualitativas, principalmente quando buscam entender os avanços da Economia agrícola e os processos que ocorreram para a evolução no município de Puxinanã - PB.

Segundo Mattos, (2011), “a etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo de pesquisa qualitativa, que se interessam pelo estudo da História de Vida por introduzir os atores sociais e a ação humana em participação ativa e dinâmica nos processos modificadores das estruturas sociais.”

Em uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, as seguintes características se fazem presentes: “São enunciadas questões e proposições preliminares, provisórias; o trabalho de campo deve ser realizado, pessoalmente pelo pesquisador; a prática etnográfica exige longa e intensa imersão no grupo social que se deseja investigar; São diversas as técnicas de coleta de dados que podem ser utilizadas em estudos etnográficos, entre elas a entrevista”. (MARTINS, 2008, p. 53-4).

Quanto aos sujeitos da pesquisa, elegemos 03 três indivíduos moradores antigos do município os quais nos serviram como amostra dos dados sobre o trabalho nas casas de farinha. Dessa forma, realizamos entrevistas com três trabalhadores: Zé Elias filho, Ricardo dos Santos e Maria Anunciada, moradoras do município de Puxinanã que tem conhecimento sobre as atividades com a mandioca nesse município, no intuito de obtermos informações acerca das histórias de vida, conforme Queiroz (1988), “a história de vida quando utilizada no campo da história oral também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias”.

Outro mecanismo que nos pairamos e no método da oralidade, pois de acordo com Portelli (1997), “discutir a importância da história oral como recurso da pesquisa de cunho qualitativa, nos diz respeito à subjetividade do expositor em fornecer às fontes orais, ou seja, sua história de vida se valendo da oralidade”.

No que diz respeito à coleta de dados a nossa opção deu-se pela a entrevista semiestruturada, por ser uma entrevista que “as questões são formuladas de modo a permitir que o sujeito entrevistado, discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados” (ROSA; ARNODI, 2008, p.30). Essas foram gravadas e transcritas, uma vez que, registrados os discursos proferidos entre entrevistadora e entrevistados, possibilitam o registro dos dados com confiabilidade e fidedignidade. Segundo Rojas (1999) “em relação à validação da pesquisa baseada em gravações e transcrições se destaca pela importância de se levar em consideração os aspectos como, à fidedignidade essencial, tendo em vista a seleção do que é gravado e a qualidade técnica da gravação e a fidelidade das transcrições”.

Por conseguinte, iniciamos a análise exploratória do material observando em que medida os relatos de forma seletiva, atendem as intenções da pesquisa. Após a escuta e escrita, partimos para a fase de categorização do material, destacando os sujeitos, a área temática e a origem do estudo. Finalizando, passamos para a fase de análise do material.

Portanto, interpretamos os acontecimentos/episódios/histórias de vida, atribuindo significados sem solicitar a utilização de técnicas e métodos estatísticos. Seguindo essa linha de pensamento que bem descreve a pesquisa qualitativa, interpretamos os discursos, coletados através da técnica da entrevista. Apresentaremos, interpretaremos e analisaremos tais discursos, seguindo o rigor científico de uma análise, sem se preocupar em quantificar nossos dados. Enfim, a pesquisa qualitativa referente ao estudo de caso etnográfico embasado na história de vida, constituem o alicerce da estrutura metodológica do presente estudo, por mim idealizado.

### **3.2 O município de Puxinanã**

O município de Puxinanã esta a 139 km da capital João Pessoa, está localizado na Microrregião de Campina Grande e na Mesorregião do Agreste Paraibano. Puxinanã é um município brasileiro localizado no estado da Paraíba e pertencente à Região Metropolitana de Campina Grande conhecido como a cidade dos lajedos. Em 2011 a população foi estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) aproximadamente em 13.000 habitantes, distribuídos em 73 km<sup>2</sup> de área. A maioria de seus habitantes reside na zona rural, caracterizando-o como um município de aspecto agropecuário.

Inicialmente pode-se dizer que, segundo Le Goff (1990, p.26) esta interação entre passado e presente está relacionado à importância a continuidade da história. A história

recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. “Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história”.

Dessa forma, a historiografia surge como sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões. “Estas atualizações também podem afetar o vocabulário do historiador, introduzindo-lhe anacronismos conceituais e verbais, que falseiam gravemente a qualidade do seu trabalho” (LE GOFF, 1990, p. 28)

A historiografia registra que aproximadamente na metade do século XX atravessou consideráveis transformações no campo da escrita da história e da composição do saber histórico. Ocorreu uma mudança onde os personagens sociais passaram a ocupar os palcos da hermenêutica histórica, ganhando espaço grupos até então vitimados pelo silêncio historiográfico. Mulheres, crianças, homens ordinários e comuns passam a ser inquiridos em seus diferentes lugares e papéis sociais; já não se tratava de uma historiografia atrelada à esfera da política ou das elites, e sim de uma historiografia preocupada muito mais com uma abordagem cultural das tessituras e urdiduras do cotidiano dos heróis comuns.

Atualmente o município de Puxinanã desfruta de um comércio considerável, que permite o suprimento de necessidades fundamentais aos moradores, oferecendo-lhes uma qualidade de vida razoavelmente boa, se comparada com cidades de mesmo porte e da mesma região. Em 2008, o município se encontrava com um grave problema de falta de água, pois não choveu suficiente para reparar a perda de água do açude que, por não ter sido alimentado pela sangria das barragens superiores, ameaçou atingir o estado de calamidade pública. O açude esteve em estado de observação com apenas 6,7% de volume total. Se esse valor baixar para 5% o açude entra em situação crítica. Geograficamente, o município incluído geograficamente no semiárido brasileiro pelo Ministério da Integração Nacional desde os anos de 2005.

Os processos econômicos do Brasil e, por conseguinte das áreas rurais baseadas na agricultura familiar ou de subsistência perdurou por longos anos no país, ainda persistem em alguns lugares o cultivo de algumas culturas de pequenas produções, mas devido às transformações na sociedade e no mundo a agricultura sofreu os impactos da modernidade e consequentemente as técnicas agrícolas também foram se modernizando e novas formas de cultivar foram sendo aperfeiçoadas e modificando a relação do trabalho diminuindo o fluxo da produção de pequenas áreas agrícolas.

Nesse contexto, a modernização da agricultura se destaca por inovar e facilitar tanto o plantio como a produção com o surgimento das novas técnicas de organizações que

proporcionaram a criação de um novo tempo e novas formas de uso da terra. Nesse sentido, decorrem solidariedade materiais e organizações de novas espécies; sementes, fertilizantes e herbicidas, culturas de entressafra (soja e trigo num mesmo campo, com calendários agrícolas complementares), bancos de germoplasmas, créditos públicos específicos para a soja e o milho nos cerrados que apontam o Estado como um agente ativo na globalização da agricultura brasileira.

Diante disso, a vária reformulação em 1966 institucionalizou o Sistema Nacional e Crédito Rural que oferecia créditos e subsídios e orientados com a assistência técnica obrigatória; assim, exigia-se um projeto técnico para a concessão do crédito, que impunha a compra de sementes e insumos modernos. Aumentando 2,3 vezes entre 1970 e 1980, o número de financiamentos concedidos a produtores e cooperativas conheceu um declínio em todas as regiões nos anos de 1990 basicamente em 1995 um número de 3,8 vezes menor que em 1980.

Segundo Moreira (1986) é o processo de modernização que explica a fronteira agrícola e não o contrário e essa modernização significa entre poucas coisas, a introdução maciça de maquinários e produtos químicos de foram como: Ford, Massey Ferguson, Shell, Bayer, Dow-Chemical, Agrocere e Cargill.

Assim, com essa instalação de uma nova divisão territorial do trabalho, essa ocupação periférica é bem sucedida, pois é o resultado de um labor intelectual presente beneficiada pelo valor extremamente baixo da terra, ela busca, também diminuir os custos de trabalhos com altos graus de capitalização em fixos e fluxos. Todavia o Estado participa generosamente do financiamento necessário à criação de novos sistemas de engenharia e de novos sistemas de movimentos. É uma produção de alimentos que se dá a grandes distancias hoje franqueáveis, sob a demanda das firmas globais com sede na região concentradas mesmo que os mecanismos de comando sejam pouco visíveis.

Trata-se de uma modernização em manchas. No campo nordestino desenvolvem-se áreas descontínuas e especializadas, (frutas, legumes, indústrias, soja, laranja), cuja, expansão é limitada pela posição subordinada da produção local nos circuitos comerciais ou industriais.

No passado, a natureza do produto e as condições e velocidades da circulação determinavam certa organização do território, pois existiam ritmos agrícolas que não podiam ser modificados e uma necessidade de industrialização próxima diante dos problemas de conservação. Atualmente as biotecnologias e os novos calendários, a capacidade de armazenagem e as condições de fluidez efetiva para certas firmas permitem a emergência do que chamamos de fazenda dispersa.

Nesse caso a produção passa a ser altamente especializada e chamada a ser eficiente, e obrigatoriamente se alarga o espaço das outras instâncias de produção, circulação e consumo. Os pedaços do território destinados a essa produção direta exigem custosos insumos de toda natureza e impõem a necessidade de uma circulação ampliada. Assim, a economia e o território não se organizam nem funcionam sem grande soma de dinheiro nas suas formas de créditos, empréstimos, numerários vivo além de financiamentos, hipotecas, *commodities*, seguros e tantos outros instrumentos. Cria-se dessa forma uma dependência do sistema financeiro, que acaba invadindo todas as etapas da produção em sentido amplo, pois todas precisam dele e todas constituem modos de acumulação de mais valia. É outra forma de ampliação da arena. Este movimento mais intenso é responsável pelo relevo especial que adquire a vida de relações.

A agricultura familiar ou de subsistência no Brasil e historicamente marcada pela sua importância e posteriormente passou a incorporarem-se como geradora de renda, empregos e prioritariamente na produção de alimentos. No Brasil no final do século XX ainda existia um percentual enorme de propriedades que trabalhavam do modo familiar responsável pela ocupação da mão-de-obra na área rural dos vários municípios brasileiros. Geralmente as propriedades rurais plantavam, ou seja, cultivaram a mandioca, o feijão, sendo posteriormente substituídos pela indústria alimentícia. O cultivo da mandioca oferece a possibilidade de produção por pequenos agricultores e a venda permitindo incluir na agricultura a família. A mandioca do tipo “mansa” a famosa macaxeira é a de maior preferência, o que favorece alcançar melhor preço no mercado consumidor do que a mandioca “brava”.

Entende-se que, a cultura da mandioca desempenhou durante muitos anos no Brasil como fonte de alimentação humana e animal. É um vegetal que possibilita obter-se um aproveitamento integral, desde a raiz como demais partes da planta. Nesse contexto, em função da facilidade de seu cultivo contribui para alcançar uma expressiva produção além da utilização de seus resíduos culturais (folhas e caule), e de seus subprodutos industriais (casca, farinha de varredura, fécula, entre outros).

### **3.3 Discutindo as casas de farinha a partir dos relatos dos trabalhadores rurais de Puxinanã**

A historiografia nos últimos anos tem se dedicado a estudar objetos até então vistos com desconfiança por muitos historiadores. Reconstruir histórias de bairros e cidades tomando por base a memória dos idosos, estudar o meio rural e a história dos trabalhadores rurais e suas práticas agrícolas de subsistência se apoiando, principalmente em testemunhos



orais estão entre os muitos fenômenos tomados por objeto de investigação em pesquisas acadêmicas. Muitos questionaram a veracidade histórica destas pesquisas, outros perceberam que a história não é feita apenas de grandes feitos de personalidades ilustres como prefeitos, coronéis fazendeiros, todos direta ou indiretamente.

Este estudo foi possível após a nova história cultural, história esta que tem sua propagação após a década 1960, e que buscava estudar as artes, a literatura, a filosofia, esta nova história não descarta as expressões culturais das classes sociais elevadas, mais prioriza a construção histórica a partir das manifestações das massas anônimas, por aquilo que é considerado popular. Existe na Nova História Cultural a preocupação em retratar os conflitos e as estratificações existentes nas classes sociais, através de uma história plural que apresenta caminhos alternativos para a investigação dos problemas.

A metodologia da Oralidade passa a ser indispensável para o historiador possibilitando a ele tornar conhecida a ação de muitas pessoas que por muito tempo foram ignorados pela história dita tradicional. Por conseguinte, ainda nesse contexto Febvre (2003), considera que, “a história faz-se sem dúvidas, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem, faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser”.

Neste sentido, podemos afirmar que não existiria História Oral sem memória, e em se tratando de classes menos privilegiadas o suporte da oralidade se torna indispensável na medida em que essas populações guardam apenas na memória suas práticas e experiências permeadas de significados que só dizem respeito àquele grupo social, são saberes e valores que não podem ser ensinados, mas apreendidos pela prática cotidiana.

Nossa análise sobre as casas de farinha no município de Puxinanã, será discutida a partir dos relatos de três trabalhadores das casas de farinha desse município. São eles: Zé Elias filho de 82 anos morador da zona rural de Puxinanã ele conta que nasceu e que nunca saiu do município, Ricardo dos Santos 72 anos também morador da zona rural fala que em umas das secas que ocorreu foi para sul (São Paulo) para trabalhar e deixando sua mulher e dois filhos no município, Maria Anunciada 74 anos fala que morava em Juazeirinho e que eles chegaram ao município quando seu pai veio construir uma casa e terminaram ficando para morar.

Em relação à casa de “Zé Elias”, destacaremos as narrativas orais dos indivíduos entrevistados a fim de obtemos a história das experiências vivenciadas como trabalhadores do

lugar. A intenção é que por meio desses depoimentos possamos recuperar as suas histórias das casas de farinha.

Ainda nesse contexto, todavia, no sentido de compreendermos a importância da atividade econômica desenvolvida nesse município e vivenciada naquela época, não só na visão do proprietário, mas, também, na visão do trabalhador, entrevistamos José Elias, atualmente com 82 anos, que perguntamos o seguinte: No seu tempo como era o trabalho nas Casas de Farinha nesse município? De acordo com suas memórias foi relatado que:

inicialmente a Casa de farinha de Zé Elias acabou porque não tinha mais mandioca “a seca acabou a mandioca”, o Zé Elias filho falava que eles faziam farinha tanto para eles como para outras pessoas, estas pessoas pagavam uma espécie de imposto para quem fizesse uso da Casa e para cada saco era pago uma cuia, também tinha mandioca que era muito dura e outras era mais fácil de descascar. (FILHO, depoimento: [julho, 2017]).

Neste sentido, podemos perceber que, apesar de pequena, existia uma relação comercial nesta atividade produtiva e, que de certa forma era influenciada e ao mesmo tempo influenciava a renda econômica do município de Puxinanã. De acordo como o depoimento do Sr. Elias Filho se constata a importância da mandioca para a sobrevivência das famílias. Em seguida foi questionado: A cidade dependia economicamente de qual cultura agrícola? Ou existia outra atividade que garantia a sobrevivência para os trabalhadores e principalmente os agricultores? Como era feito a venda da mercadoria? Foi afirmado que:

A farinha servia tanto para comer como para vender na feira, na segunda tinha a feira na cidade e colocava na carroça de boi e saia para vender, vendia o saco fechado; sempre tinha um armazém dentro de casa para guardar farinha e outro para feijão; como a seca era grande eu guardava sempre no silo. Também já se usava o motor a óleo. (FILHO, depoimento: [julho, 2017]).

Desse modo, entende-se que a cidade de certa forma dependia dessa atividade, pois o entrevistado afirma a inexistência de outra cultura desenvolvida para a sobrevivência desses agricultores e moradores do município. Porém, nem todos podiam comprar esse instrumento, pois tinha um preço elevado e somente alguns proprietários dispunham de recursos, por isso, serviam também como ferramenta para geração de lucro.

Podemos constatar a partir de relatos que, o uso do motor a óleo diesel já era uma realidade nas casas de farinha dos proprietários mais abastados do lugar desde os anos 1960 (sessenta), nas outras com donos de menor condição era usada uma roda de uns dois metros

de diâmetro com duas manivelas laterais que ocupava dois homens dispostos para sevar triturar a mandioca depois de raspada. Ainda foi questionado a Zé Elias Filho que nos relatasse como era no tempo do plantio e colheita da mandioca até o processo final da produção da farinha do beiju nesse município. Ele afirmou que:

Na Casa de Farinha do Zé Elias filho não está mais funcionando, a “seca acabou a mandioca e assim não tinha como fazer mais”, a casa estava fechada e todos os instrumentos que eram usados para produzir a farinha estavam dentro da casa em cima do forno havia muita tralha, o senhor Elias declarou que chegando às chuvas ou o inverno novamente eles podem voltar à fabricação da farinha. Assim, o processo da produção inicia-se assim: primeiro passo tira a casca da mandioca e rala depois coloca na prensa a fim de ser prensada a massa e peneira segue para o forno até ficar torrada etapa final para obtenção da farinha. (Julho, 2017)

A partir dessa compreensão, podemos entender que o trabalho tinha uma época determinada se chover tem trabalho depois da colheita, caso contrário não havia outra possibilidade para a produção da farinha. Perguntamos ainda: Os trabalhadores tinham trabalho o ano todo? Como era a forma de pagamento? E o salário? Como eram contratados os serviços dos trabalhadores? Segundo nosso entrevistado: não existe trabalho o ano todo, e a forma de pagamento depende é feito um acordo entre o proprietário e o trabalhador /a. por isso, não tem contrato. Tudo é informal.

Questionamos o segundo entrevistado o Sr. Ricardo que nos relatou o seguinte a respeito da casa de farinha:

A casa de farinha do senhor “Capim” que ficava na zona rural; na casa tinha um forno do lado de fora de onde nós colocávamos madeira cortada; esta madeira era de agaroba, tinha um forno no canto de onde nos cozinhávamos a farinha, esta no meio tinha um prensa que era usada para prensar a massa, a mandioca era descascada e moída na roda depois seu Capim comprou um motor a óleo porque não tinha energia, mas dava muito problema e eu pagava quando precisava usar, pagava por cada saco uma cuia de farinha. Isso era para todos e muita gente usava para fazer farinha. (RICARDO, depoimento: [Setembro, 2017]).

Perguntamos ainda ao senhor Ricardo: Como eram as condições físicas das Casas de Farinha? Ele nos afirmou que “a casa de farinha basicamente tinha um forno e uma prensa e os instrumentos básicos necessários pra manusear o soro da farinha” (RICARDO, depoimento: [Setembro, 2017]). Entende-se que era comum o uso do forno a lenha pela facilidade tanto para encontrar a madeira como pela questão do custo que geralmente se tornava mais barato.

Por conseguinte a nossa terceira entrevistada Dona Anunciada, nos acrescenta quando questionamos para ela se os trabalhadores moravam distante da cidade ou do sítio? Ela nos afirma o seguinte:

Eu vivi a vida na roça e não era fácil, quando meu pai ficou doente aos 42 anos de idade; eu e meus irmãos fomos trabalhar para conseguir o pão de cada dia e minha mãe tomava conta de pai, nós trabalhávamos na casa de farinha descascando mandioca para ganhar algum dinheiro, a quantidade de mandioca era grande para descascar e era difícil, mas era o que tinha para fazer e nós plantávamos também, mas tinha ano que não lucrava nada por isso, nós íamos para a casa de farinha trabalhar. Trabalhadora na casa de farinha. (Dona Anunciada, depoimento: [Setembro, 2017]).

Podemos constatar que os trabalhadores geralmente eram da redondeza, eles moravam próximos à casa de farinha. Além disso, os trabalhadores nos revelam um período da história da agricultura em que as casas de farinha, sobretudo, para as camadas menos favorecidas, ou melhor, sem condições financeiras precisava trabalhar para sobreviver.

Outra característica marcante do depoimento de D. Anunciada refere-se aos valores familiares bem definidos, quando evidencia na sua fala, revelando diretamente a necessidade pela qual foi levada a trabalhar no interior das casas de farinha. Dessa forma questionamos a nossa entrevista acerca da economia do município, se melhorou para os trabalhadores? Quais as diferenças mais pontuais que se percebem atualmente em relação ao trabalho agrícola? Segundo ela “Não melhorou as diferença são poucas, mudaram algumas formas das pessoas trabalharem” (Dona Anunciada, depoimento: [Setembro, 2017]).

Esses depoimentos de certa forma nos revelam que, naquele momento ainda não se cumpriam as exigências das leis do trabalho para a atuação profissional no meio rural. Esse processo de valorização do profissional - trabalhador rural é abraçado pelas instituições públicas posteriormente devido às mudanças nos paradigmas da sociedade. Concorda-se com Certeau (1998, p.100) quando afirma que:

Seria legítimo definir o poder do saber por essa capacidade de transformar as incertezas da história em espaços legíveis. Mas é mais exato reconhecer nessas “estratégias” um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio. De modo semelhante, as estratégias militares ou científicas sempre foram inauguradas graças à constituição de campos “próprios” (cidades autônomas, instituições “neutras” ou independentes, laboratórios de pesquisa desinteressadas etc.) Noutras palavras, um poder é a preliminar deste saber, e não apenas o seu efeito ou seu atributo. Permite e comanda as suas características. Ele se produz aí.

Desse modo, a capacidade de transformar matéria prima em um produto faz do trabalhador rural um profissional ímpar ao mesmo tempo em que é autor de sua própria história. Além disso, sustenta o poder de conquistar para si seu próprio lugar na sociedade. Esses trabalhadores tem o poder no trabalho enquanto capacidade, porém não detém o poder de fazer valer frente aquele que tem o poder econômico.

Percebe-se que os materiais utilizados nas casas de farinha como: prensa motor, coxo, a peneira e o rodo de madeira. Conseguem registrar as marcas de um tempo nesse caso os legados referente à existência de uma organização do trabalho nas casas de farinha aliado a um planejamento para alcançar o resultado final que é a farinha. Porém questiona-se a desvalorização da mão de obra haja vista sua importância para o proprietário que necessitava desse trabalhador e adquiria a custos bem baixo apesar do árduo trabalho a ser realizado. Talvez essa desvalorização se deva a oferta no mercado econômico de oferecer um preço muito aquém do desejado para os agricultores.

Diante de muito esforço e determinação conseguiram prosseguir e demonstrando que, embora, sem as condições mínimas para o desenvolvimento dessa atividade; sem estrutura física adequada; recursos escassos; grande número de mandioca e desvalorizados profissionalmente e sem salários compatíveis ao esforço realizado e conseqüentemente devido à ausência de políticas públicas, mesmo assim eles persistiram na luta.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento deste trabalho nos oportunizou refletir sobre a importância da do uso da história oral para resgatar a memória histórica de um município. Desse modo, destacamos a atividade produtiva local que oportunizou o desenvolvimento econômico local nas décadas de 1960 - 1970, deixando claro que a memória histórica é um recurso que facilita no processo de recuperar as histórias de vida das pessoas de um lugar.

Diante do exposto, torna-se inevitável repensar a postura dos futuros profissionais pesquisadores e sujeitos da história que ainda buscam de forma tradicionalista, introduzir os conteúdos históricos negando por vezes as histórias de vida afastando a apropriação dos conhecimentos de maneira significativa impedindo-os de traçar suas próprias estratégias e de se apropriar da cultura local e dos diversos saberes.

Percebe-se que, a relação com a profissionalização do futuro trabalhador do campo perpassa a influência sobre a decisão de continuar ou não trabalhando. Em contrapartida, esse

período de 1960 é deveras problemático, visto que, a política brasileira afetou severamente o futuro da população em relação à formação profissional. Ao longo dos anos a história das casas de farinha e particularmente na Paraíba em Puxinanã operaram-se muitas mudanças e transformações. Contudo, a permanência de alguns problemas na estrutura aponta para questões intocáveis. Segundo os entrevistados constatam-se aspectos que demonstram como se processou a organização e a expansão e o declínio dessa atividade econômica nesse município.

No entanto, podemos dizer que, essa pesquisa foi significativa no sentido de percebermos os avanços e retrocessos na agricultura. A economia nesse município esteve por longos anos sob a responsabilidade dos proprietários passando posteriormente por um declínio o que de certo modo impulsionou a mobilização em busca de novas formas de culturas no trabalho rural.

Constatamos que, na década de 1960 algumas mudanças começam a surgir como o surgimento de algumas máquinas e posteriormente vem proporcionar o desenvolvimento da economia para muitas outras pessoas. Por fim, não podemos deixar de respeitar as particularidades de cada sujeito com um olhar diferenciado que veio a facilitar o processo de apropriação dos conhecimentos levando-nos a compreender a importância da economia nesse município e das questões inerentes também a vida social.

Nessa linha de abordagem de investigação, e muito importante e análise dos aspectos estudados no município de Puxinanã, estas ações demonstraram o comportamento dos trabalhadores do Povoado Viração ao desenvolver suas atividades, neste caso, o trabalho para produção da farinha de mandioca e produtos derivados. Ao analisar e descrever cada etapa de trabalho foi possível perceber a organização dos trabalhadores quanto à noção de produção, tempo e a utilização dos objetos como itens fundamentais nesse processo. Além disso, é perceptível que eles preservam as relações com seus vizinhos como forma de ampliar as possibilidades de atuação e realização de seus afazeres.

Portanto, concluímos que a nossa pesquisa feita em campo com os antigos trabalhadores das casas de farinha, foi de grande importância, visto que no momento da entrevista pude perceber o quanto foi importante para eles estar relembando os fatos passados e assim resgatando a memória, e lembrando quando as pessoas frequentavam as casas de farinha.

**THE SOCIABILITIES IN THE HOUSES OF FLOUR FROM THE MEMORY OF  
THE RURAL WORKERS OF THE MUNICIPALITY OF PUXINANÃ - PB  
(1960 - 1970)**

José Vanilson da Silva

**ABSTRACT**

The main objective of this study is to analyze the history of the Flour Houses in the municipality of Puxinanã - PB, from the 1960s to the 1970s, based on the memories of the old farmers who lived through this historical scenario. Through the historiographic changes we begin to inquire through the intermediary of ordinary and ordinary men like children, women and the elderly in their different places and social roles; it was no longer a story tied to the sphere of politics or elites, but rather to a much more preoccupied historiography with a cultural approach to the tessitudes of the everyday life of ordinary men. Due to the lack of a deepening of the official documents, regarding our research, we chose to walk through the method of oral history, performing semi-structured interviews as a method of data collection, analyzed and interpreted in the light of qualitative research, based on ethnography using Life stories. In this study, four farmers who lived during the period of our study were interviewed. In addition to the interviews, we used historical and bibliographic data about the origin and aspects of the location, as well as documentary material from the Puxinanã - PB historical archive. In this way, we understand the relevance of this study for Pulizana society as well as those who wish to know a little more about the economic activities of this municipality.

**KEYWORDS:** Flour Houses. Memory. Puxinanã.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias gerar história: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “Parto Difícil”. In: CLIO, **Revista de Pesquisa. Histórica da Universidade de Pernambuco** – N° 15. Recife: Universitária, 1994.

AMADO, J. & FERREIRA, M. M. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 217. In: CHARTIER, R. “A visão do historiador modernista”. Rio de Janeiro Editora Artmed 2002.

BOGGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação matemática: uma introdução a teoria e aos métodos**. Trad. Maria J. Alvarez Sara B. Santos e Telmo M. Baptista. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BRASIL, IBGE (10 de outubro de 2002). «Área territorial oficial». Resolução da Presidência do IBGE de n° 5 (R.PR-5/02). **Estimativa Populacional**. 2011.

BRASIL, IBGE **Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1 de julho de 2008.

BRASIL, IBGE. **Censo Demográfico, 2000**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 2. T. Petrópolis: Vozes, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In: MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>



MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto. 1992.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5 . 10, 1992.

POLLAK, Michael **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto História, São Paulo.1997.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos orais**: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1988. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v. 5

ROJAS, J. E. A. **O indivisível e o divisível na história oral**. In: MARTINELLI, M. L. Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

### Referência Eletrônica

<http://www.jstor.org/stable/41616692>

<http://irriga.fca.unesp.br/index.php/rat/article/view/1498>

SILVA, Ícaro Ribeiro Cazumba. O SABER-FAZER FARINHA DE MANDIOCA: A TRADIÇÃO NO PROCESSO PRODUTIVO, EM NAZARÉ-BA. Universidade Federal de Bahia, UFBA, Salvador, BA, Brasil. ([icarocnn@yahoo.com.br](mailto:icarocnn@yahoo.com.br)) Cad. Prospec., Salvador, v. 8, n. 2, p. 365-374, abr./jun. 2015. <https://portalseer.ufba.br/index.php/nit/article/view/12323>

LISITA, F. O. A importância da agropecuária familiar na economia nacional. EMBRAPA.

2009. Disponível em < <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/ADM079.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2018.